



OLARIA ROMANA ROMAN POTTERY WORKS

Seminário Internacional e Ateliê de Arqueologia Experimental

International Seminar and Experimental Archaeological Workshop

Carlos Fabião, Jorge Raposo, Amílcar Guerra e Francisco Silva

(coordenadores)



CENTRO DE ARQUEOLOGIA
DA UNIVERSIDADE
DE LISBOA

uniarq



FACULDADE DE
LETRAS

U LISBOA

UNIVERSIDADE
DE LISBOA



seixal
câmara municipal
ecomuseu

FCT
Fundação para a Ciência e a Tecnologia

FCCN



CAA
Centro de Arqueologia de Almada

Título | Title

Olaria Romana: seminário internacional e ateliê de Arqueologia experimental

Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop

Coordenação geral | General coordination

Carlos Fabião, Jorge Raposo, Amílcar Guerra e Francisco Silva

Coordenação técnica | Technical coordination

Centro de Arqueologia de Almada

Edição | Published by

UNIARQ - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa /
/ Câmara Municipal do Seixal / Centro de Arqueologia de Almada

Apoio | Sponsor

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

Local de edição | Printed in

Lisboa

Data de edição | Edition date

2017

Tiragem | Initial printing

100 exemplares

Suporte | Media type

DVD

Também disponível em | *Also available in*

Repositório da Universidade de Lisboa / Faculdade de Letras /

/ Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa (UNIARQ)

<http://repositorio.ul.pt/handle/10451/8771>

ISBN

978-989-99146-4-3



| | |
|---|---------|
| Nota de abertura / <i>Presentation</i> | |
| Carlos Fabião, Jorge Raposo, Amílcar Guerra e Francisco Silva | 005-008 |
| O contributo dos estudos cerâmicos para a História da presença romana no Ocidente da Península Ibérica | |
| Carlos Fabião | 009-032 |
| Les ateliers d'amphores dans la Lusitanie romaine, après vingt ans de recherches | |
| Françoise Mayet | 033-048 |
| A olaria romana do Morraçal da Ajuda: estruturas de produção | |
| Guilherme Cardoso, Severino Rodrigues, Eurico Sepúlveda e Inês Alves Ribeiro | 049-088 |
| A olaria romana da Garrocheira, Benavente: resultados de três intervenções arqueológicas | |
| Clementino Amaro e Cristina Gonçalves | 089-112 |
| As olarias romanas do estuário do Tejo: Porto dos Cacos (Alcochete) e Quinta do Rouxinol (Seixal) | |
| Jorge M. Cordeiro Raposo | 113-138 |
| De las alfarerías de <i>Baetica</i> : focos de producción, tecnología y análisis microespacial de las <i>estructuras de producción</i> | |
| José Juan Díaz Rodríguez e Darío Bernal Casasola | 139-174 |
| Produção de ânforas em Lagos na Antiguidade Tardia: ensaio de caracterização de um novo tipo Algarve 1 | |
| Carlos Fabião, Rui Roberto de Almeida, Sandra Brazuna e Iola Filipe | 175-194 |
| Em torno dos mais antigos modelos de ânfora de produção lusitana: os dados do Monte dos Castelinhos (Vila Franca de Xira) | |
| João Pimenta | 195-206 |
| As ânforas Keay 16 da Necrópole da Caldeira, Tróia (Grândola) | |
| João Pedro Almeida | 207-220 |

| | |
|---|---------|
| Olarias romanas do Sado Françoise Mayet e Carlos Tavares da Silva | 221-238 |
| A produção oleira romana no Algarve João Pedro Bernardes e Catarina Viegas | 239-256 |
| Balance provisional de un proyecto atípico: el programa <i>Officina</i> Luis Carlos Juan Tovar | 257-274 |
| A evolução crono-estratigráfica do ateliê da Quinta do Rouxinol (Seixal): segundo quartel do século III aos inícios do segundo quartel do século V José Carlos Quaresma | 275-306 |
| O Castro de Segóvia: técnicas de produção de cerâmica manual em Época Romana Patrícia Bargão | 307-318 |
| Studying Roman ceramics from the production perspective David Williams | 319-332 |
| Rumansil I (Murça do Douro, Portugal): uma produção de cerâmicas da segunda metade do século III e do início do século IV no vale do Douro Tony Silvino, António Sá Coixão e Pedro Pereira | 333-340 |
| Marcas de ânfora lusitanas do Museu Municipal de Vila Franca de Xira João Pimenta e Henrique Mendes | 341-350 |
| O sítio hispano-romano de Torrejón de Velasco (Madrid): novos dados para o conhecimento da produção cerâmica em âmbito rural na Meseta, no início do período Imperial Rui Almeida, Francisco López Fraile e Jorge Morín de Pablos | 351-362 |
| Seminário / Ateliê "A Olaria Romana": balanço organizativo Amílcar Guerra | 363-365 |

Produção de Ânforas em Lagos na Antiguidade Tardia

Ensaio de caracterização de um novo tipo: Algarve 1

| | |
|------------------------|---|
| Carlos Fabião | Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / UNIARQ (cfabiao@campus.ul.pt). |
| Rui Roberto de Almeida | Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / UNIARQ (rui.dealmeida@gmail.com). |
| Sandra Brazuna | Era Arqueologia S. A. (sandrabrazuna@era-arqueologia.pt) |
| Iola Filipe | Era Arqueologia S. A. (iolafilipe@era-arqueologia.pt) |

Texto revisto em Maio de 2017.

Resumo

Apresenta-se a informação disponível sobre a produção de ânforas na Antiguidade Tardia no local onde hoje se ergue a cidade de Lagos. Nos séculos V-VI d.C., fabricaram-se em Lagos ânforas do tipo Almagro 51c e de uma forma próxima do que usualmente se chama tipo Almagro 51a-b.

Analisando esta última ânfora, os autores entendem dever ser considerada um tipo distinto, para o qual se propõe a designação de Algarve 1.

Descreve-se detalhadamente a forma, conhecida em dois módulos distintos, fabricada em diferentes olarias do Algarve (Martinhal, Lagos, S. João da Venda), presumivelmente, usada no transporte de preparados de peixe e exportada para as regiões meridionais da Península Ibérica e Mediterrâneo, nos séculos V e primeira metade do VI d.C.

Palavras-chave: Ânforas, Algarve, Lusitânia, Antiguidade Tardia.

Abstract

The paper presents the available data on Roman amphorae production in the area of nowadays city of Lagos (Algarve, Portugal). In Late Antiquity, Fifth to Sixth centuries, amphorae from Almagro's 51c type and other similar to that one usually called Almagro 51a-b were produced. A detailed analysis of morphological features of the later one allows the proposal of a new amphora type called Algarve 1, also produced in other kiln centres of the region, such as Martinhal (Sagres), Lagos and S. João da Venda (Loulé).

A detailed description of Algarve 1 morphology suggests the existence of two different modules for this container used to transport fish sauces and exported to the Southern and Eastern areas of the Iberian Peninsula and probably also to other Mediterranean areas in Late Antiquity.

Key words: Amphorae, Algarve, Lusitania, Late Antiquity.

Produção de Ânforas em Lagos na Antiguidade Tardia

Ensaio de caracterização de um novo tipo: Algarve 1

Carlos Fabião | Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / UNIARQ
(cfabiao@campus.ul.pt).

Rui Roberto de Almeida | Centro de Arqueologia da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa / UNIARQ
(rui.dealmeida@gmail.com).

Sandra Brazuna | Era Arqueologia S. A.
(sandrabrazuna@era-arqueologia.pt)

Iola Filipe | Era Arqueologia S. A.
(iolafilipe@era-arqueologia.pt)

Texto revisto em Maio de 2017.

Nota prévia

No âmbito da organização do Seminário Internacional *A Olaria Romana*, verificámos a inscrição de duas comunicações que versavam sobre o mesmo tema: a produção de ânforas em Lagos e a caracterização de uma forma concreta da Antiguidade Tardia.

O trabalho de um dos autores (RRA) ocupava-se das provas indirectas de uma produção local de ânforas, deduzidas a partir do registo arqueológico do complexo de produção de preparados de peixe da rua Silva Lopes (CNS 3087), uma intervenção arqueológica de contrato realizada por Ana Cristina Ramos e Rui Roberto de Almeida (RAMOS e ALMEIDA, 2005; RAMOS, ALMEIDA e LAÇO, 2006; RAMOS *et al.*, 2007).

O outro (CF, SB e IF) apresentava as provas indirectas da produção de ânforas, baseadas na identificação de materiais queimados (embora em nenhum caso deformado), de potentes níveis arqueológicos de cinzas e carvões, observados no decurso de uma intervenção de arqueologia de contrato realizada pela

empresa Era-Arqueologia SA na cidade de Lagos, dirigida por duas das signatárias (SB e IF), tendo outro signatário (CF) como consultor científico, particularmente, na Sondagem 14 e Caixa de Visita 7, no eixo da rua Silva Lopes, não muito longe do local onde se escavou a oficina de produção de preparados de peixe. Refira-se ainda a existência de informações orais sobre o suposto aparecimento de fornos na área, realizadas no passado, em circunstâncias não controladas de um ponto de vista arqueológico (FILIPE e BRAZUNA, 2008a e 2008b; FILIPE, BRAZUNA e FABIÃO, 2010; FABIÃO, FILIPE e BRAZUNA, 2010).

As formas identificadas eram basicamente as mesmas, as provas recolhidas, embora indirectas, parecem suficientemente robustas, consistentes e coerentes. Remetiam, por um lado, para o ambiente produtivo, pelas notícias orais (de valor sempre duvidoso, mas que associamos aos níveis de cinzas e carvões e aos exemplares queimados, directamente observados e

registados), por outro, para a funcionalidade dos contentores: transporte de preparados de peixe, processados em unidades locais, como a identificada na rua Silva Lopes.

Assim, pareceu-nos não fazer qualquer sentido a apresentação de duas comunicações distintas, mas antes de reunir a informação de ambas e procurar expô-la conjuntamente.

1. Antecedentes

O conhecimento de vestígios romanos no subsolo da área urbana de Lagos é já antigo (VEIGA, 1910), sendo também antigas as recolhas de ânforas na cidade (SANTOS, 1971: 116-119; PARKER, 1977: 39). Chegou mesmo a ser sugerida a existência de uma produção local de ânforas de uma forma semelhante à Beltrán IIb (BELTRÁN LLORIS, 1990: 224), ao que parece um equívoco relacionado com a observação de exemplares do tipo Keay XVI de recolha local, conservados no Museu de Lagos, que A. Parker valorizou particularmente (PARKER, 1977: 39).

Em época recente, infelizmente, antes do quadro legal que impôs a realização de trabalhos de minimização de impactes patrimoniais no subsolo das cidades históricas, no decurso da renovação urbana, multiplicaram-se as notícias sobre realidades arqueológicas ocasionalmente observadas, bem como algumas recolhas mais ou menos aleatórias de materiais. Sirva de exemplo esta pequena notícia da imprensa generalista, que tem a vantagem de estar publicada, não pertencendo por isso ao registo das informações orais, sempre dependentes da memória selectiva do informador: *“No decurso dos trabalhos efectuados na R. Silva Lopes, em Lagos, para estabelecimento dos cabos condutores para a rede telefónica a determinar com a nova estação dos CTT, os trabalhadores fizeram surgir várias pequenas ânforas, pedaços de uma coluna de pedra, fragmentos de cerâmica e tijolos de origem romana”*, notícia publicada em Janeiro de 1970 no *Jornal do Algarve* e reproduzida na secção de notícias de *O Arqueólogo Português* (NOTÍCIAS, 1970). Pode dizer-se que, para além desta, existem muitas outras informações orais sobre achados análogos, que vêm sendo corroboradas pelas recentes intervenções arqueológicas (RAMOS e ALMEIDA, 2005; RAMOS, ALMEIDA e LAÇO, 2006; ARRUDA, 2007;

RAMOS, 2008; SERRA e DIOGO, 2008; FILIPE, BRAZUNA e FABIÃO, 2010).

Naturalmente, as palavras-chave da notícia sobre os vestígios lacobrigenses são: R. Silva Lopes, pequenas ânforas, origem romana, ou seja, tudo aquilo que os nossos trabalhos vieram confirmar.

2. O complexo de produção de preparados de peixe da rua Silva Lopes (CNS 3087) e a sua envolvente

Na intervenção arqueológica realizada na área dos imóveis com os números 4 a 8 da rua Silva Lopes, de entre vários vestígios documentados, pertencentes a distintos períodos, identificou-se parte de um complexo industrial de época romana, destinado à produção de preparados de peixe, que incluía pelo menos três unidades produtoras, com fiadas de cetárias em torno de espaços centrais (pátios), integradas num complexo de maiores dimensões, que se desenvolvia seguramente sob os actuais edifícios números 2 e 2a da rua Silva Lopes e, muito possivelmente, também debaixo do actual n.º 105 da rua 25 de Abril; contudo, não se pode excluir a hipótese de os vestígios anteriormente aí encontrados poderem pertencer a outro complexo de características análogas.

Do complexo, foi escavada sobretudo uma das unidades, que constitui o particular objecto da nossa atenção, não nos seus aspectos genéricos, já sobejamente tratados em outros lugares (RAMOS e ALMEIDA, 2005; RAMOS, ALMEIDA e LAÇO, 2006; RAMOS *et al.*, 2007), mas no que respeita às ânforas ali encontradas e respectivos contextos arqueológicos. O período de funcionamento do complexo de produção, a sua utilização / laboração, está compreendido entre um momento impreciso que pode remontar à segunda metade do século I, ou aos meados do II d.C., e os meados do século VI.

Para o tema que aqui interessa, a evidência de uma produção de ânforas, a etapa relevante é a que se estende desde o final da Fase I, momento da reestruturação e entulhamento parcial do complexo de cetárias, em inícios / meados do século V, e o da Fase II, o período decorrente entre os meados do século V e o abandono definitivo da fábrica em meados do VI d.C. (RAMOS, ALMEIDA e LAÇO, 2006; RAMOS *et al.*, 2007).

(continua na pág. 181)

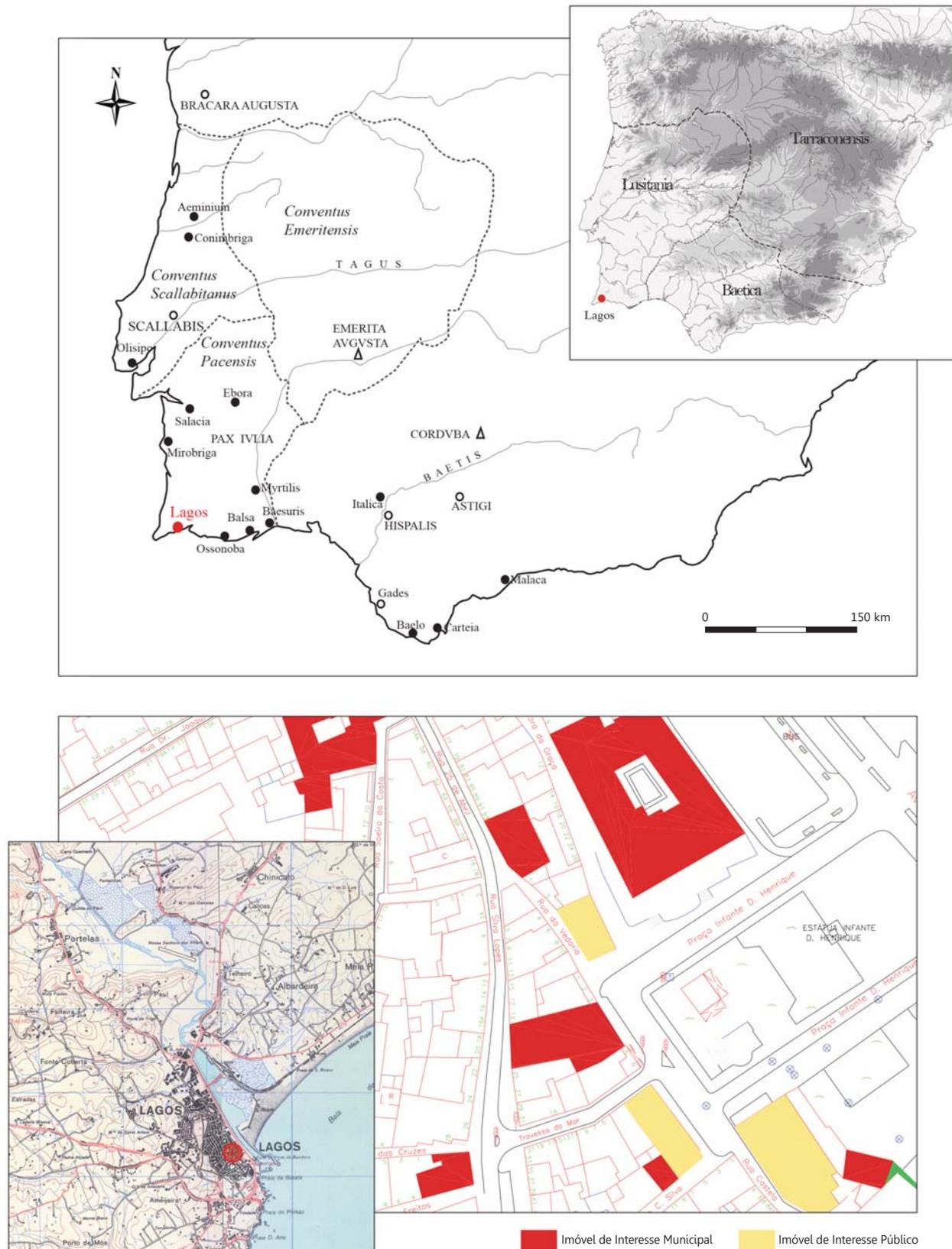


Figura 1 – Em cima, localização da actual cidade de Lagos na *Hispania* (base: Carte, 1990, modificado). Em baixo, à esquerda, na *Carta Militar de Portugal* 1: 25000; à direita, localização aproximada da área dos achados na planta do Centro Histórico de Lagos (base cartográfica: Gabinete Técnico da Câmara Municipal de Lagos, 2002, adaptado).

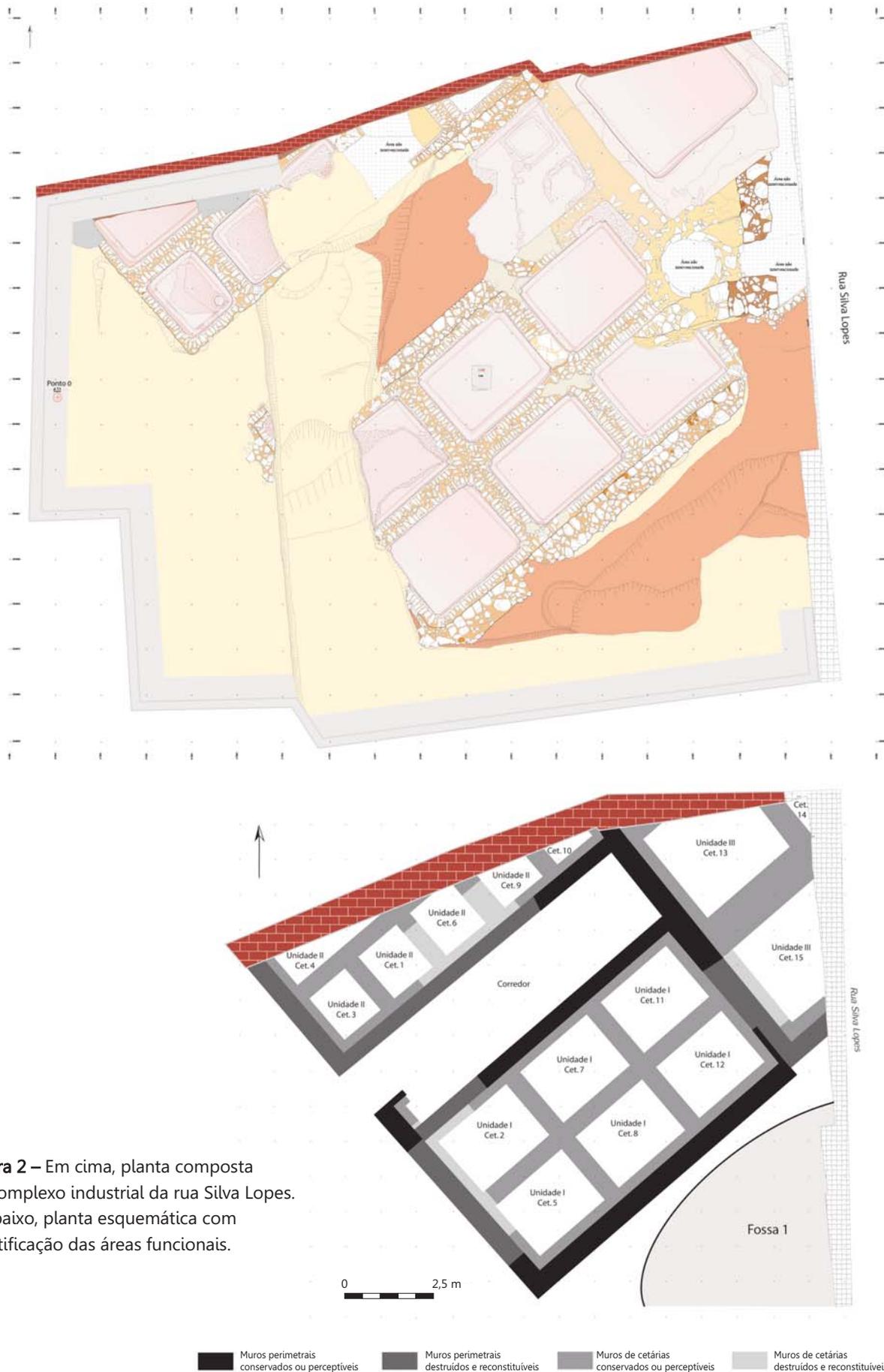


Figura 2 – Em cima, planta composta do complexo industrial da rua Silva Lopes. Em baixo, planta esquemática com identificação das áreas funcionais.

(continuação da pág. 178)

Desde logo, a cronologia da fase final de funcionamento da unidade surpreendia, por tão tardia. Mas, para lá do âmbito cronológico que demonstrava sem lugar para dúvidas a presença / utilização de ânforas, destinadas a envasar os preparados de peixe ali produzidos, a identificação de fragmentos com deformações (RAMOS, ALMEIDA e LAÇO; 2006: 91), outros sobrecozidos e algumas trepes (*IDEM*: 94 e fig. 15, n.º 4) (Fig. 3), habituais indicadores da presença de uma produção local de ânforas, sugeria fortemente a possibilidade de existir nas proximidades uma olaria. Interessante e particularmente expressivo era o caso da cetária 12, abandonada e entulhada em torno a meados do século V, em cujo interior se recolheu um conjunto de várias dezenas de ânforas (Fig. 4), que então se classificaram como assimiláveis à forma Almagro 51a-b (Fig. 5), na sua maior parte completas, embora partidas em conexão, dispostas em pelo menos duas fiadas, apresentando várias delas evidentes deficiências de cozedura, mas ao contrário dos exemplos acima aludidos por aparente insuficiência de cozedura, parecendo tratar-se de um lote rejeitado justamente por essa deficiente cozedura. Neste depósito, era evidente o predomínio da chamada forma Almagro 51a-b, bem como a fraca expressão das ânforas do tipo Almagro 51c. Em um primeiro momento considerou-se que poderia tratar-se de uma particularidade da amostra disponível, em virtude do grande número de exemplares do primeiro tipo que, literalmente, entulharam grande parte da cetária 12, mas a escavação das restantes cetárias do complexo da rua Silva Lopes veio confirmar esta tendência, verificada em todos os contextos datados entre os inícios do século V e a primeira metade do VI d.C.



Figuras 4 e 5 – Lagos, rua Silva Lopes, cetária 12 (meados do século V d.C.).

Em cima, aspecto do entulhamento da cetária.
Em baixo, detalhe de uma das ânforas aí identificadas.



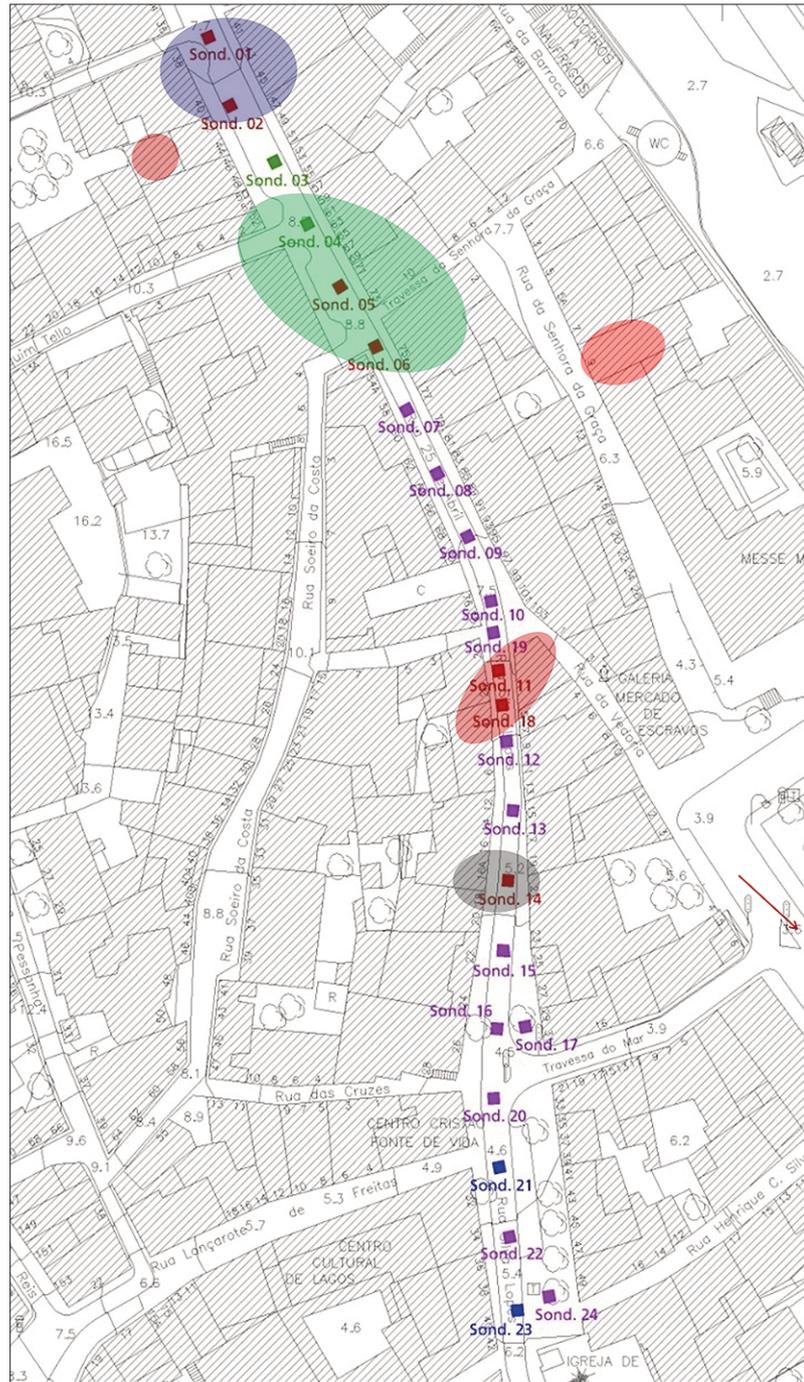
Figura 3 – Lagos, rua Silva Lopes. Fragmentos deformados de cerâmicas de construção, fragmentos sobrecozidos e trepes (segundo RAMOS, ALMEIDA e LAÇO, 2006).

Assim, embora não tivesse sido possível identificar com segurança a localização do(s) forno(s), o conjunto dos elementos recenseados era suficiente para sustentar a ideia de uma produção local de contentores destinada ao envasamento dos produtos piscícolas elaborados nas unidades de produção instaladas naquela zona da cidade.

Acrescente-se que outras intervenções, de maior ou menor fôlego, realizadas na envolvente têm fornecido mais dados de natureza similar, o que faz supor que a área apresentaria uma concentração de unidades de produção de preparados de peixe, aparentemente integrada em espaço urbano, uma vez que vários outros dados apontam claramente para a existência de áreas residenciais com evidentes sinais de riqueza: fragmentos de mosaicos, *teselae* e mármore, para além de um mais amplo acervo de material de construção e elementos móveis, designadamente cerâmicas finas de grande circulação, cerâmicas comuns, etc. (ARRUDA, 2007; RAMOS, 2008; SERRA e DIOGO, 2008; FILIPE, BRAZUNA e FABIÃO, 2010).

3. Os eixos viários actuais e a possível área de forno(s)

Para além de algumas notícias difusas sobre a existência de fornos na zona meridional da rua Silva Lopes, na intervenção realizada no âmbito do Projecto URBCOM (Fig. 6), na Sondagem 14 e na Caixa de Visita 7, dos trabalhos realizados naquela rua, foi identificado um depósito de elevada potência estratigráfica



Planta: Era Arqueologia S. A.

0 25 m

- Vestígios romanos
- Vestígios romanos/modernos
- Vestígios modernos
- Ausência vestígios arqueológicos

Figura 6 – Planta esquemática do centro da cidade de Lagos com as áreas de intervenção no âmbito do projecto URBCOM e respectivos resultados.



Figura 7 – Perfil Oeste da Sondagem 14, com os depósitos de despejo relacionados com forno(s) cerâmico(s) em primeiro plano.

com grande abundância de cinzas e carvões (Fig. 7) e a presença muito frequente de fragmentos de ânfora com indícios claros de terem sido sujeitos a altas temperaturas, que sugerem tratar-se de área de despejos relacionada com forno(s) cerâmico(s) (Fig. 8). De facto, este depósito localiza-se próximo da área onde se encontra referenciado, por várias notícias orais, o achado de um forno, presumivelmente de época romana (FILIFE e BRAZUNA, 2008a e 2008b; FABIÃO, FILIFE e BRAZUNA, 2010).

De um ponto de vista topográfico, verifica-se que ao longo da actual rua Silva Lopes se observa a Norte um conjunto de indicadores da presença de áreas residenciais (RAMOS e ALMEIDA, 2005; FILIFE, BRAZUNA e FABIÃO, 2010), depois, os indícios da presença de unidades de produção de preparados de peixe (RAMOS e ALMEIDA, 2005; RAMOS, ALMEIDA e LAÇO, 2006; RAMOS, 2008) e, finalmente, a área com os vestígios da olaria (FILIFE, BRAZUNA e FABIÃO, 2010; FABIÃO, FILIFE e BRAZUNA, 2010).

4. As produções locais: caracterização

Nos locais referidos, verificou-se a presença de exemplares da forma Almagro 51c, mas sobretudo de outros usualmente classificados como Almagro 51a-b de fabrico local, em número incomparavelmente superior, que pensamos serem merecedores de uma classificação específica (FABIÃO, FILIFE e BRAZUNA, 2010). Estes fragmentos patenteavam duas características relevantes: vestígios de terem sido sujeitos a altas temperaturas, com fissuras e deformações, bem como uma relativa uniformidade morfológica. O fabrico, quer de uns quer de outros, apresenta singularidades, como a presença frequente de elementos calcários e de conchas / fósseis marinhos, para além

Figura 8 – Ânforas Almagro 51c (à esquerda) e Algarve 1 (à direita) recolhidas nos depósitos de despejo.





Figura 9 – Detalhes das pastas dos fragmentos recolhidos nos depósitos de despejo identificados nas sondagens da rua Silva Lopes, no âmbito do projecto URBCOM.

de grânulos de quartzo e “chamota” (Fig. 9). Assinale-se que, no âmbito das intervenções realizadas nas ruas Silva Lopes e 25 de Abril, foram igualmente recolhidos fragmentos de ânforas destes tipos (Fig. 10), algumas delas com distintas características de pasta / fabrico, presumivelmente oriundas do centro oleiro do Martinhal, Sagres.

A produção local de ânforas do tipo Almagro 51c parece ter sido pouco expressiva, pela escassez de elementos recolhidos, embora vários apresentem sinais de cozedura excessiva. Os escassos fragmentos de bordos, asas e fundos recolhidos apresentam perfis,

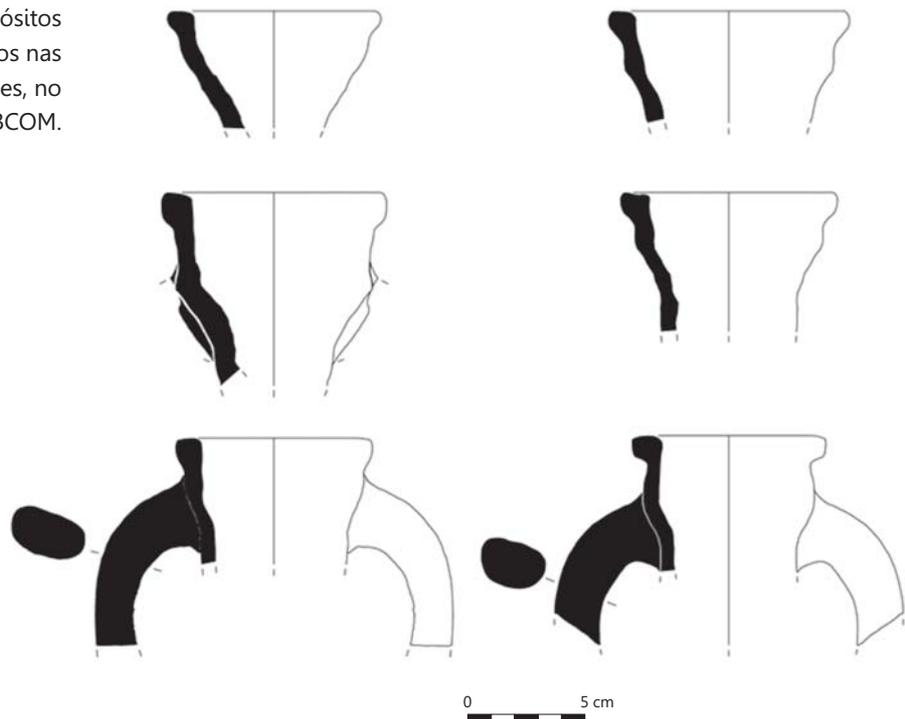


Figura 10 – Fragmentos de bordos do tipo Algarve 1 recolhidos nos depósitos de despejo identificados nas sondagens da rua Silva Lopes, no âmbito do projecto URBCOM (segundo FABIÃO, FILIPE e BRAZUNA, 2010: fig. 1).

métrica e detalhes morfológicos bastante homogêneos, em tudo análogos aos documentados em outras olarias conhecidas no Algarve ocidental e central, concretamente no Martinhal (SILVA, COELHO-SOARES e CORREIA, 1990; BERNARDES *et al.*, 2013) ou Quinta do Lago (FABIÃO e ARRUDA, 1990), para referir apenas os melhor conhecidos, ou até mesmo aos das suas congêneres produzidas nos vales do Tejo e do Sado. Caracterizam-se por lábios de secção circular ou subcircular / arredondada, muito raramente triangular, sob o qual ou do qual arrancam as finas asas, de secção ovalada, com um ou dois sulcos não muito pronunciados que as percorrem longitudinalmente (veja-se também VIEGAS, 2016). De forma recorrente, a estes bordos e asas parecem estar associados fundos pequenos e tendencialmente cilíndricos ou subcilíndricos, com ou sem preenchimento de argila (Fig. 8), razões pelas quais não constituem particular objecto de análise no presente trabalho.

Diferente é o caso do outro tipo, da outra ânfora aqui documentada. Trata-se de uma forma morfológicamente mal caracterizada, pelo estado fragmentado da maioria dos exemplares conhecidos, designadamente nas olarias de S. João da Venda (FABIÃO e ARRUDA, 1990) e Martinhal (RAMOS, FERREIRA e NUNES, 2010), excepção feita ao exemplar da Fuzeta, publicado por J. M. MASCARENHAS (1974), depositado no Museu Paroquial de Moncarapacho, utilizado por A. M. Dias Diogo para ilustrar o seu tipo Lusitano 7 (DIOGO, 1987) ou Almagro 51a-b, como mais habitualmente é designado. A observação detalhada dos exemplares recolhidos no âmbito das intervenções do Projecto URBCOM e, sobretudo, uma avaliação mais cuidada dos critérios subjacentes à constituição do chamado tipo Almagro 51a-b e aos seus desdobramentos posteriores, levou alguns de nós a propor uma nova classificação para estas ânforas – **Algarve 1** (FABIÃO, FILIPE e BRAZUNA, 2010) (Fig. 11).

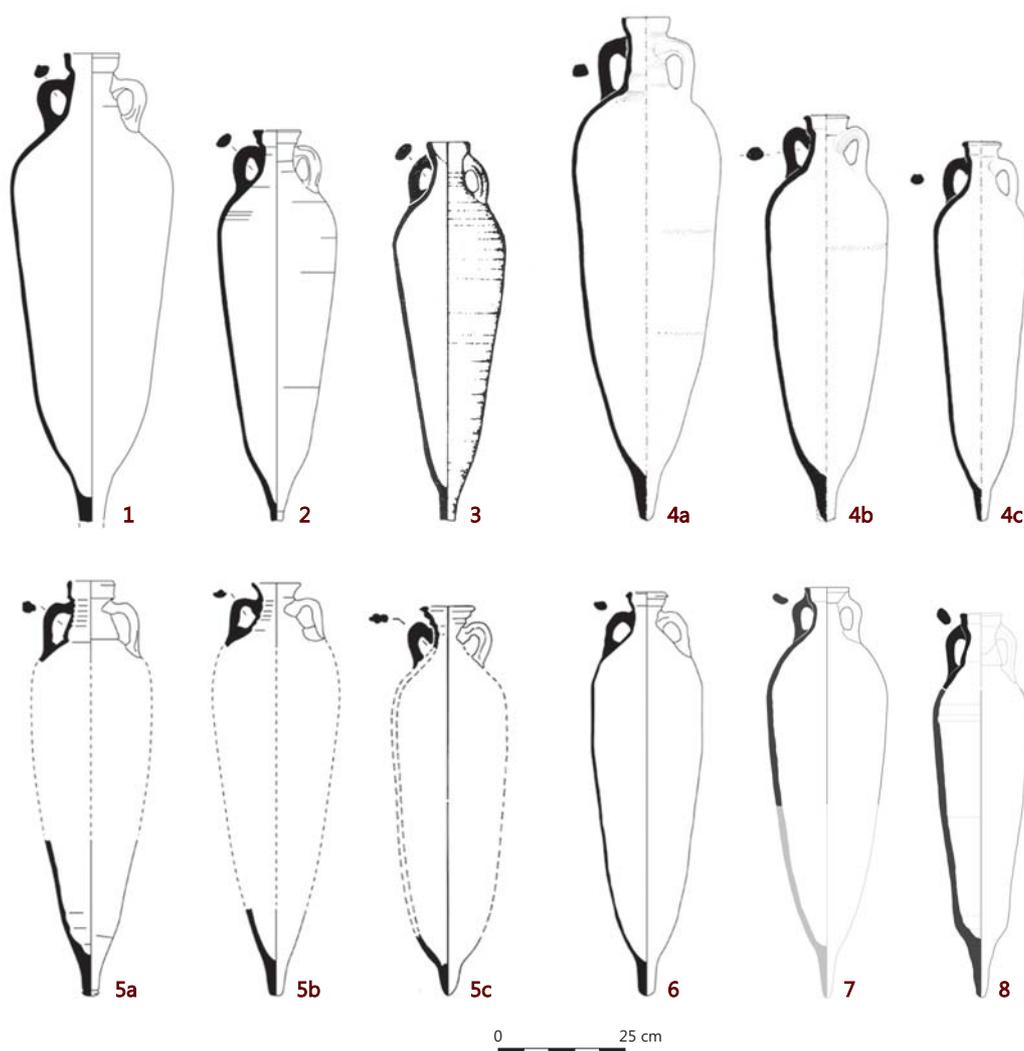


Figura 11 – Comparação entre as ânforas Keay XIX, Almagro 51a-b e Algarve 1.

1. Keay XIXc (segundo KEAY, 1984: fig. 22.10); 2. Keay XXI (segundo KEAY, 1984: fig. 22.2); 3. Keay XXIII bis (segundo KEAY, 1984: fig. 22.7); 4. Keay XIX / Almagro 51a-b do naufrágio de Sud-Lavezzi 1 (segundo LIOU, 1982: fig. 1.3, 1.4 e 1.2, respectivamente); 5. Almagro 51a-b do Pinheiro (segundo MAYET e SILVA 1998: fig. 78.3-4 e fig. 131.1, respectivamente); 6. Lusitana 7 (= Almagro 51a-b) (segundo DIOGO, 1987: 189, fig. 5.7); 7. Algarve 1 de Lagos; 8. Algarve 1 do Martinhal (segundo RAMOS, FERREIRA e NUNES 2010: fig. 15.1; BERNARDES *et al.*, 2013: 233, fig. 8.5, modificado).

A possibilidade de trabalhar esta proposta com um acervo de materiais mais robusto, nomeadamente os recolhidos no complexo de produção de preparados de peixe da rua Silva Lopes, e de alargar o quadro de referência e comparação, leva-nos a propor aqui uma mais detalhada análise e caracterização do tipo.

Pensamos ter ficado devidamente demonstrada a produção desta morfologia em outras olarias algarvias, que não somente em Lagos, pelo que mantemos a denominação de **Algarve 1** para estas ânforas.

Consideramos que este contentor constitui um tipo de características próprias, com detalhes morfológicos e técnicos particulares, cujo reconhecimento permite de forma clara a sua identificação. Sublinhe-se que a proposta aqui apresentada não se limita à valorização de um ou outro detalhe formal, mas antes à consideração global da conjugação de vários atributos que, possibilitando a caracterização do tipo, permite também identificar a sua presença, mesmo quando reduzido a fragmentos de menor expressão.

A análise sistemática que ensaiamos sobre exemplares publicados, em fase de estudo ou depositados em diferentes instituições, muitos procedentes de contextos de olaria ou de lugares de produção de preparados de peixe, mas também de simples lugares de consumo, permite-nos avançar desde já com a proposta que agora se apresenta, no que se refere aos seus principais atributos (Fig. 12); naturalmente, conscientes de que poderá não ser ainda esta a imagem global definitiva do tipo, muito embora se baseie numa amostra a que reconhecemos validade estatística. Assinale-se o que parece claramente ser a existência de dois módulos volumétricos distintos. As medidas obtidas em vários corpos e em vários metades ou terços superiores das ânforas, bem como em partes inferiores, permitem reconhecer perfeitamente duas medidas distintas, que denominamos *módulo normal* e *módulo pequeno* (Fig. 12).

Ao nível do bordo, uma das partes usualmente mais valorizadas como elemento de diagnóstico, esta forma produzida em Lagos (e em outros locais do Algarve) afasta-se claramente do tipo bético denominado Keay XIX, sistematizado por S. Keay (1984), e do(s) tipo(s) produzido(s) no vale do Sado e classificados como Almagro 51a-b (MAYET e SILVA, 1998; PINTO e MAGALHÃES, 2016) – nas olarias do vale do Tejo, a

outra das grandes áreas produtoras de ânforas da Lusitânia, não se documentou até à data o fabrico de contentores com esta morfologia, nem de qualquer outra vagamente aparentada. O bordo da **Algarve 1** apresenta uma característica fisionomia em forma de colarinho, com um lábio em fita que se destaca claramente do corpo mediante uma marcada inflexão, com diâmetros compreendidos entre os 8 e os 9 cm. Os de menor abertura parecem estar diretamente relacionados com o *módulo pequeno*.

O lábio da ânfora que denominamos **Algarve 1** pode considerar-se alto, entre 2,5 e 4 cm, tendencialmente vertical ou subvertical, com a face interna acentuadamente côncava, mostrando a sua face externa um perfil convexo-côncavo com um frequente espessamento, mais ou menos evidente, na sua parte superior. Menos frequentes são os exemplares com espessamento interno ou com o lábio biselado e projectado para o exterior, quase exvasado, de que apenas se conhecem alguns exemplares em São João da Venda (Fig. 13). Contudo, como sempre acontece quando ensaiamos a caracterização de contentores cerâmicos, podemos questionar a real validade tipológica destes detalhes, sobretudo quando verificados nas entulheiras das olarias. O que supomos ser “variante” pode simplesmente resultar dos acasos e acidentes do processo produtivo corrente.

Também no colo se observam manifestas diferenças relativamente ao tipo bético Keay XIX e ao tipo Almagro 51a-b do vale do Sado. Este apresenta-se biconcónico, com uma altura variável entre 7-9 cm, desde o ressalto para o bordo até à base das asas, a partir das quais descreve uma suave curva ao encontro do corpo da peça. É claramente mais comprido e estilizado que o dos outros dois tipos referidos (Fig. 14).

Nas asas, a ânfora **Algarve 1** regista igualmente aspectos diferenciados dos conhecidos nos tipos Keay XIX béticos e Almagro 51a-b sadinos. A asa da forma em apreço arranca de maneira horizontal desde a base do bordo e fixando-se nele, descrevendo depois uma inflexão próxima dos 90 graus, caindo praticamente a direito até fixar-se no ombro, com um comprimento oscilando entre os 8,5 e os 12 cm. A secção é maioritariamente ovalada / elíptica, com uma largura entre 2,5-3,5 cm e uma espessura de 2-2,5 cm.

(continua na pág. 189)

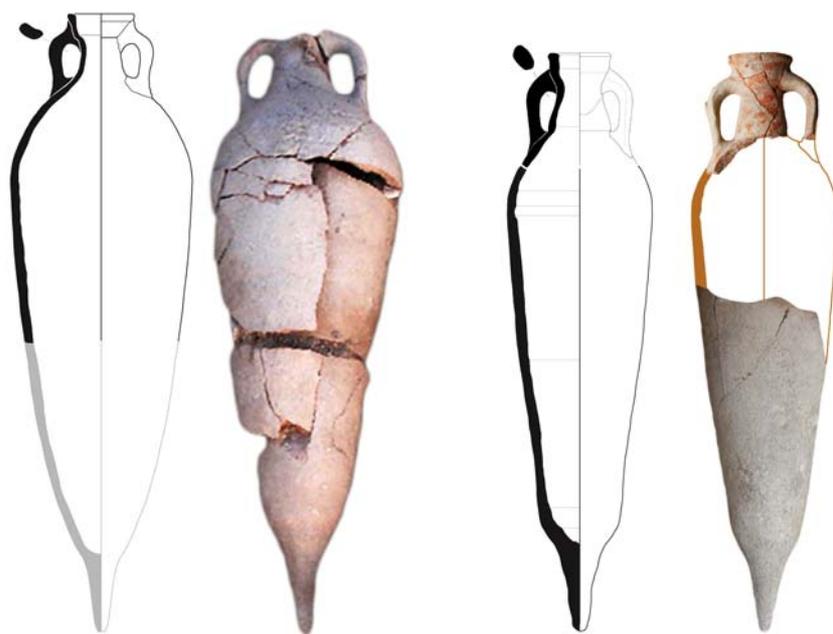
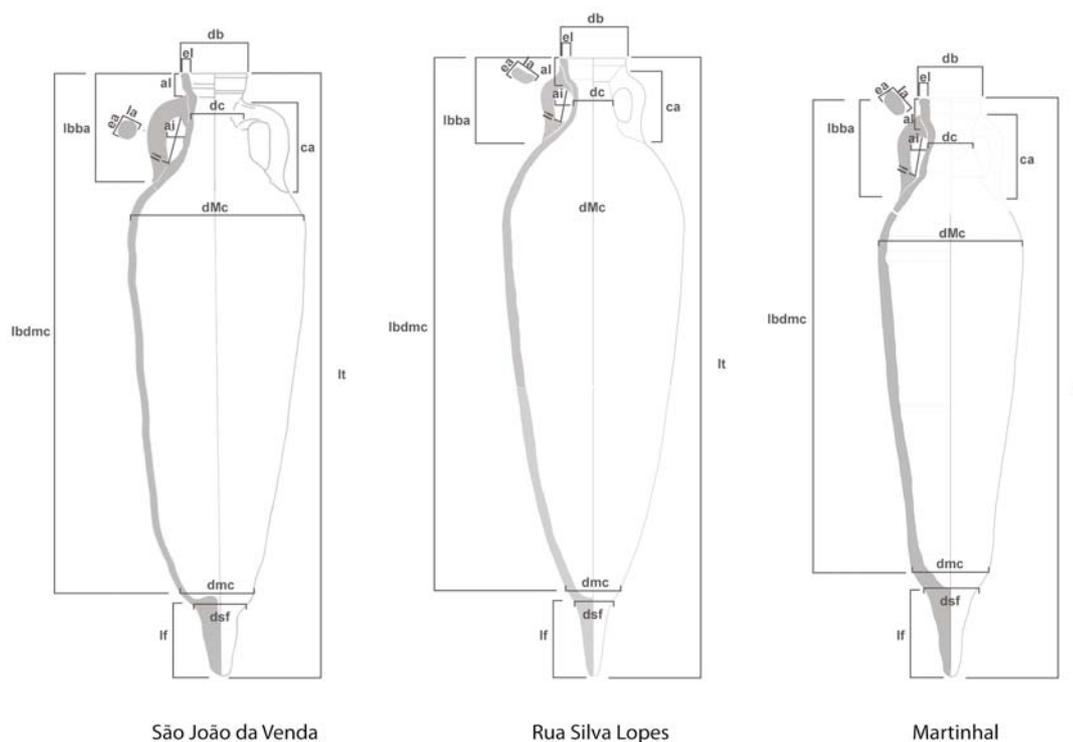


Figura 12 – Ânfora Algarve 1. Reconstituição proposta e esquema de medidas.

Em cima, da esquerda para a direita: exemplar reconstituído da fábrica da rua Silva Lopes; peça recuperada no Martinhal (a partir de foto cedida pela empresa Palimpsesto, Lda); exemplar reconstituído a partir de fragmentos do Martinhal (terço superior segundo RAMOS, FERREIRA e NUNES, 2010: fig. 15.1; corpo segundo BERNARDES *et al.*, 2013: 233, fig. 8.5); reconstituição fotográfica (terço superior: foto cedida pela empresa Palimpsesto, Lda do fragmento publicado em RAMOS, FERREIRA e NUNES, 2010: fig. 15.1; corpo: foto de Cristina Ramos e Rui R. de Almeida de um exemplar da fábrica da rua Silva Lopes, Lagos).



Esquema de Medidas (*módulo normal / módulo pequeno*)

Diâmetro do bordo (db): 8,5 - 9 cm / 8 cm
Espessura do lábio (el): 1 - 1,5 cm
Altura do lábio (al): 2,5 - 4 cm
Comprimento da asa (ca): 8,5 - 12 cm
Largura da asa (la): 2,5 - 3,5 cm
Espessura da asa (ea): 2 - 2,5 cm
Diâmetro do colo (dc): 5 - 6 cm
Largura inter-ansal (ai): 2 - 2,5 cm

Longitude inter-ansal (li): 4,5 - 6 cm
Longitude bordo-base da asa (lbba): 11,5 - 14 cm
Diâmetro máximo do corpo (dMc): 24 cm / 18 cm
Diâmetro mínimo do corpo (dmc): 10 cm
Longitude bordo-diâmetro mínimo do corpo (lbdmc): 70 cm / 60 cm
Diâmetro superior do fundo (dsf): 7 - 8 cm
Longitude do fundo (lf): 10 - 11 cm
Longitude total (lc): 80 - 85 cm / 70 - 75 cm

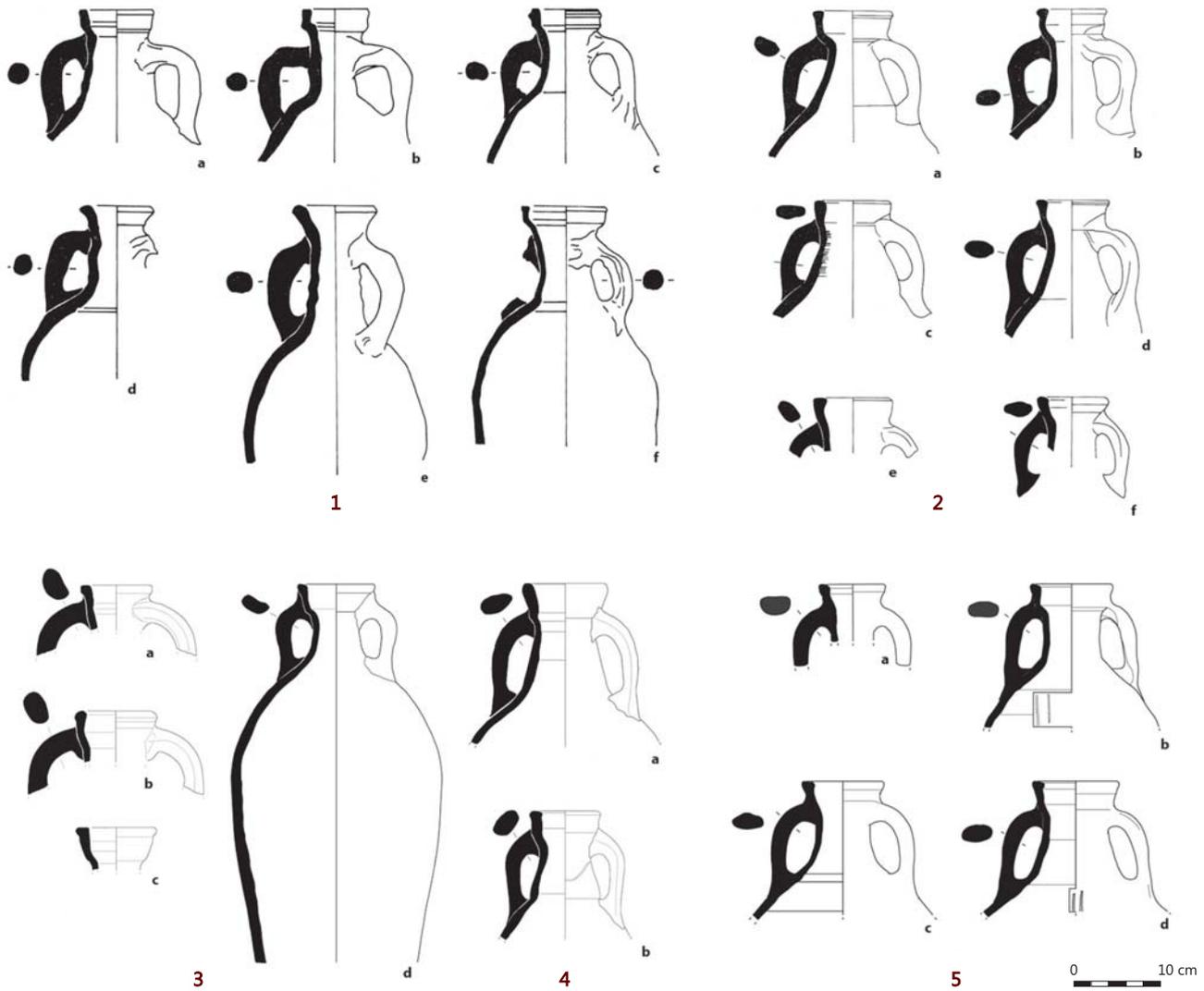
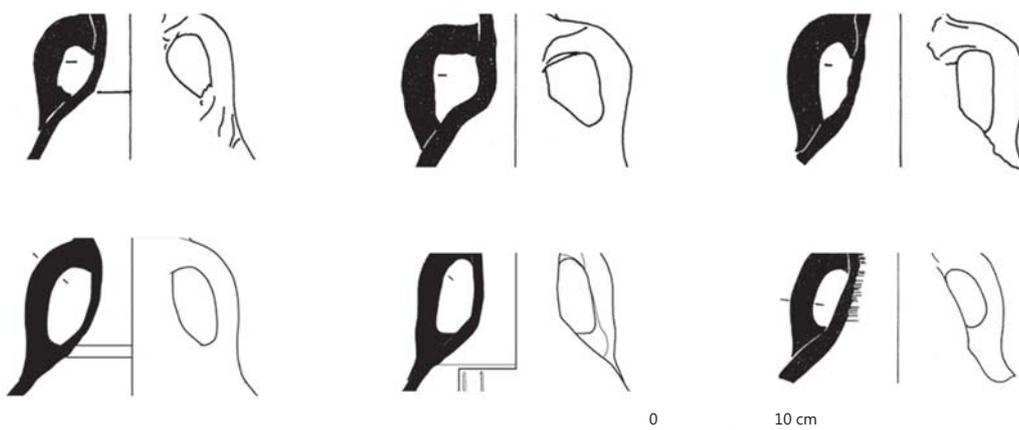


Figura 13 – Ânfora Algarve 1. Bordos recolhidos em vários locais do Algarve.

1. São João da Venda, segundo FABIÃO e ARRUDA, 1990;
2. Martinhal, segundo SILVA, COELHO-SOARES e CORREIA, 1990;
3. Rua Silva Lopes, Lagos, segundo RAMOS, ALMEIDA e LAÇO, 2006;
4. Martinhal, segundo RAMOS, FERREIRA e NUNES, 2010;
5. Martinhal, segundo BERNARDES *et al.*, 2013).

Figura 14 – Tipos de colo da ânfora Algarve 1.



Em cima: São João da Venda, segundo FABIÃO e ARRUDA, 1990;

Em baixo: Martinhal, segundo SILVA, COELHO-SOARES e CORREIA, 1990 e segundo BERNARDES *et al.*, 2013).



Figura 15 – Tipos de asas da ânfora Algarve 1.

1. Martinhal, segundo SILVA, COELHO-SOARES e CORREIA, 1990;
2. São João da Venda, segundo FABIÃO e ARRUDA, 1990.

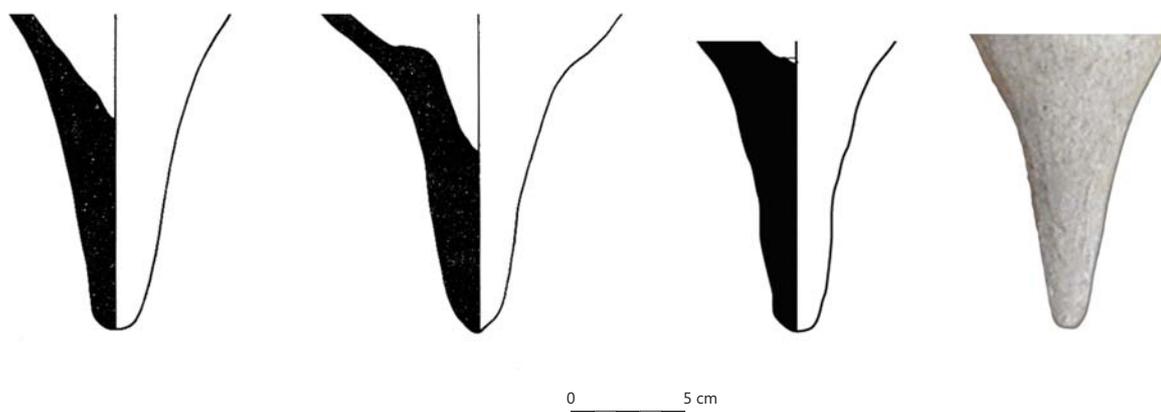
(continuação da pág. 186)

Ocasionalmente, as asas apresentam secções arredondadas, como algumas conhecidas em São João da Venda, mas também nestes casos apresentam medidas análogas, de 2,5 a 3 cm (Fig. 15). Na realidade, estas características divergem francamente das asas de perfil arredondado, em forma de "orelha", com secções circulares, cristas longitudinais e implantações no colo, usuais nos tipos béticos e sadiños.

Finalmente, no que à morfologia dos corpos e fundos se refere, novamente se fazem sentir diferenças significativas. No caso dos fundos, estes apresentam uma forma que se pode considerar mais próxima do tipo bético Key XIX e do tipo Almagro 51a-b do vale do Sado, na medida em que consistem também em fundos cônicos apontados e maciços, embora se apresentem praticamente na continuidade do corpo (Fig. 16).

Relativamente à morfologia genérica dos corpos, estes caracterizam-se por apresentarem quase sempre um perfil acentuadamente fusiforme. Aspecto de maior relevo é, como referimos, a provável existência de diferentes tamanhos ou módulos. Actualmente conhecemos seguramente dois, que definimos como *módulo normal* e *módulo pequeno*. O *módulo normal* apresenta uma altura estimada em torno a 60 cm e um diâmetro máximo de 24-26 cm, com uma capacidade próxima da "meia ânfora", ou seja, de cerca de 24 *sextarii*, se é que faz sentido medir nestes moldes as capacidades dos contentores; o *módulo pe-*

Figura 16 – Fundos de Algarve 1.
Desenhos: Martinhal, segundo SILVA, COELHO-SOARES e CORREIA, 1990; Foto: fábrica da rua Silva Lopes, foto de Rui Roberto de Almeida.



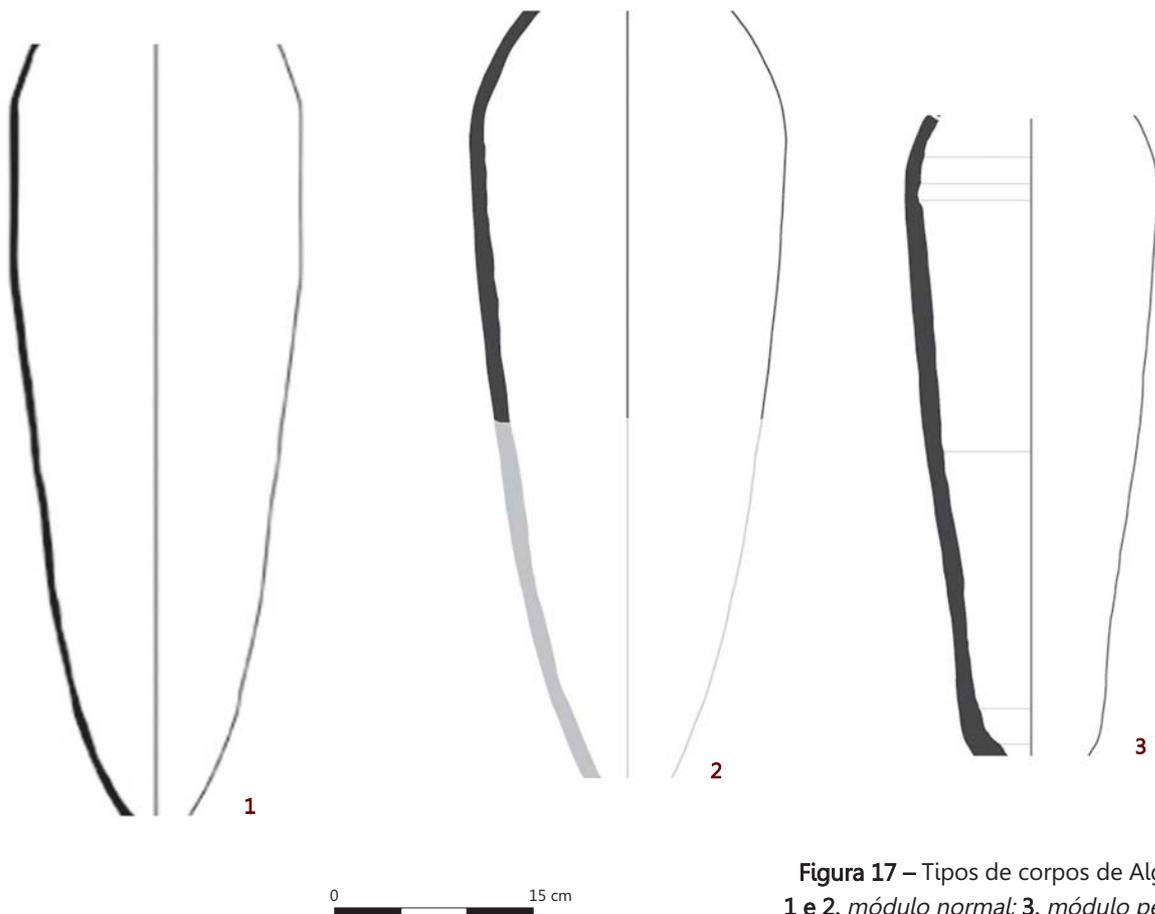


Figura 17 – Tipos de corpos de Algarve 1. 1 e 2. *módulo normal*; 3. *módulo pequeno*.

queno uma altura próxima aos 45-50 cm e um diâmetro máximo do corpo entre 18-20 cm, com uma capacidade de cerca de metade do anterior (Figs. 17 e 18). Deve sublinhar-se que, para além de vários corpos recolhidos na unidade de produção de preparados de peixe da rua Silva Lopes, em Lagos, no Martinhal e em São João da Venda, patenteando esta dualidade de modulação, alguns poucos exemplares do Martinhal e, sobretudo, um outro grande fragmento de corpo recolhido na unidade da rua Silva Lopes, com 32 cm de diâmetro (ARRUDA, 2007), permitem considerar a possibilidade de existir um terceiro módulo, *grande*, com dimensões semelhantes às da Keay XIX “canónica” da Bética (KEAY, 1984), com uma capacidade próxima dos 48 *sextarii*, ou seja, da *amphora*, enquanto unidade de medida de líquidos. No caso de se comprovarem estas variantes, poderia existir uma “trilogia métrica”, como a documentada, por exemplo, no naufrágio de Sud-Lavezzi 1 (LIOU, 1982) (Fig. 18).

Este aspecto ganha contornos ainda mais interessantes e toda uma nova dimensão se tivermos em conta o cálculo volumétrico das distintas variantes (Fig. 18). Um tema que importará trabalhar futuramente, de preferência com recurso a novos conjuntos

Comentário final

Certo é, e importa também salientar este dado, que a ânfora **Algarve 1** constitui um contentor utilizado na exportação de artigos alimentares, ao que tudo indica preparados de peixe, como parece resultar da sua presença em Lagos ou das condições de depósito nas cetárias documentadas no Martinhal, Sagres (RAMOS, FERREIRA e NUNES, 2010), não tendo sentido a observação realizada nos anos setenta do século XX por A. Parker de que estas pequenas ânforas algarvias serem somente destinadas a um circuito local / regional (PARKER, 1977).

(continua na pág. 192)

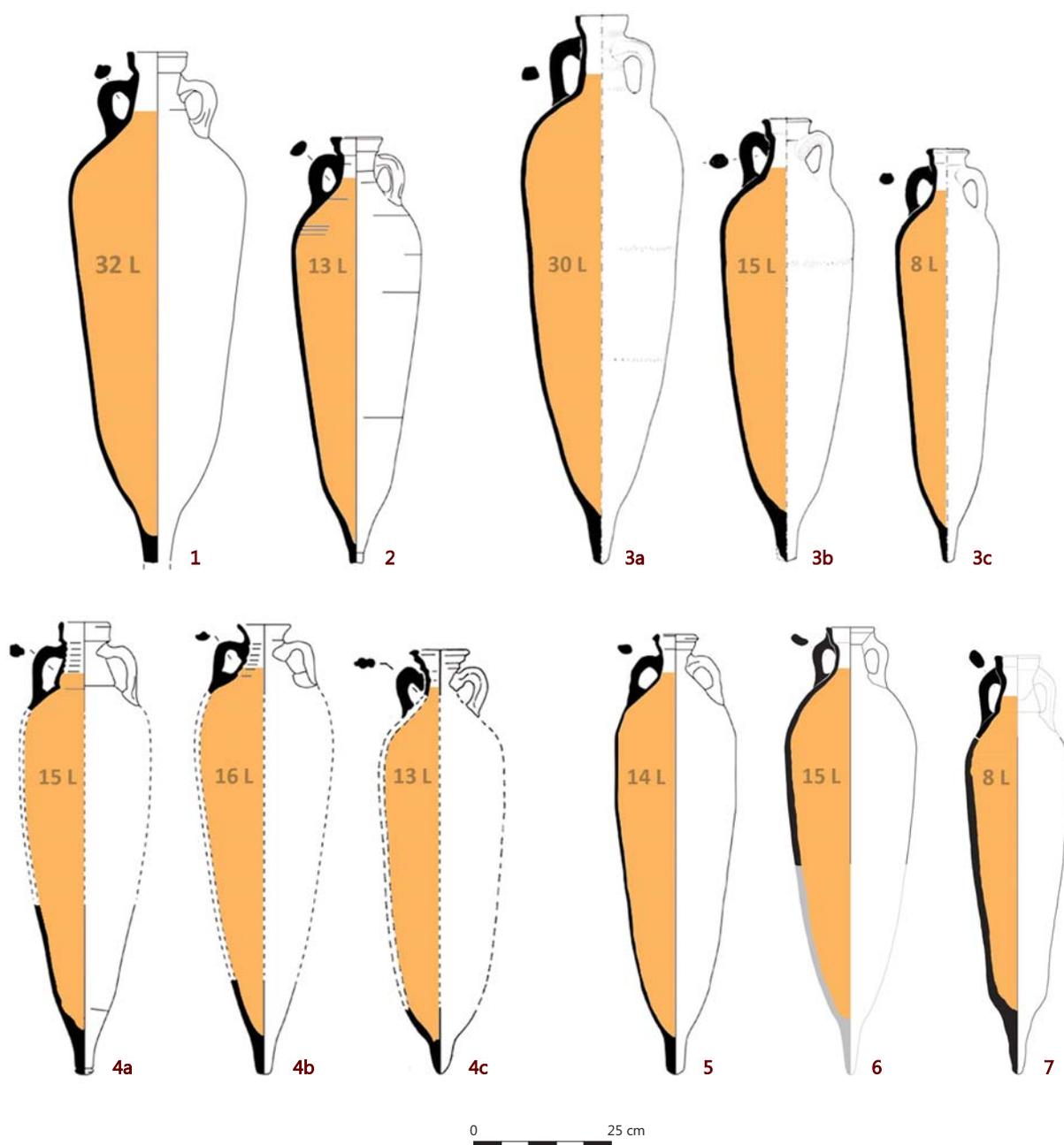


Figura 18 – Estimativa das capacidades das ânforas Algarve 1 e comparação com outros tipos similares.

- | | |
|---|--|
| <p>1. Keay XIXc (segundo KEAY, 1984: fig. 22.10); 2. Keay XXI (segundo KEAY, 1984: fig. 22.2); 3. Keay XIX / 51a-b do naufrágio Sud-Lavezzi 1 (segundo LIOU, 1982: fig. 1.3, 1.4 e 1.2, respectivamente); 4. Almagro 51a-b da olaria do Pinheiro (segundo MAYET e SILVA, 1998: fig. 78.3-4 e fig. 131.1, respectivamente);</p> | <p>5. Lusitana 7 (= Algarve 1?) (segundo DIOGO, 1987: 189, fig. 5.7); 6. Rua Silva Lopes, <i>módulo normal</i> (proposta); 7. Martinhal, <i>módulo pequeno</i> (proposta).</p> |
|---|--|
- Volume do enchimento calculado mediante *software* 3D: Rui Roberto de Almeida e Francisco López Fraile.

(continuação da pág. 190)

A hipotética presença de exemplares deste tipo no referido naufrágio de Sud-Lavezzi 1, ou em contextos terrestres, do século V aos inícios do século VI d.C., em lugares como Sevilha (GARCÍA VARGAS, 2007; AMORES CARREDANO, GARCIA VARGAS e GONZALEZ ACUÑA, 2007), ou uma particular incidência no levante da Hispânia, em sítios como Cullera, Valência (ROSSELLÓ MESQUIDA e COTINO VILLA, 2005), *Portus Illicitanus* (MÁRQUEZ VILLORA, 1999), bem como uma especial representação em *Tarraco* (REMOLÁ VALLVERDÚ, 2000), concorre nesse sentido e obriga a uma futura reavaliação dos contextos arqueológicos desta época onde eventualmente também se possam documentar. Por outro lado, esse paradigmático naufrágio de Sud-Lavezzi 1, com a sua peculiar carga, é também

exemplo dos actuais óbices ao estudo dos pesos relativos que Bética e Lusitânia poderiam ter na exportação de alimentos na Antiguidade Tardia. O real desconhecimento sobre a origem de grande parte dos contentores ali documentados (Keay XIX, Almagro 51a-b ou **Algarve 1**) e dos produtos transportados impõe um regresso aos materiais, na tentativa de discernir o que pertencerá a uma ou outra das regiões, ambas ainda activas na exportação de artigos alimentares para o Mediterrâneo.

Em suma, todo um vasto campo de trabalho a desenvolver no futuro, para determinar o lugar da Lusitânia no contexto das redes de intercâmbio Mediterrâneo-Atlânticas na Antiguidade Tardia. ■

Referências

- AMORES CARREDANO, F.; GARCIA VARGAS, E. e GONZALEZ ACUÑA, D. (2007) – “Ánforas tardoantiguas en *Hispalis* (Sevilla, España) y el comercio mediterráneo”. In BONIFAY, M. e TRÉGLIA, J.-C. (eds.). *LRCW 2. Late Roman coarse wares, cooking wares and amphorae in the Mediterranean: archaeology and archaeometry (Actes of the 2nd International Conference, Aix en Provence, 13-16 April 2005)*. Oxford, pp. 133-146 (*BAR International Series*, 1662).
- ARRUDA, A. M. (dir.) (2007) – *Laccobriga. A ocupação romana na baía de Lagos*. Lagos: Câmara Municipal de Lagos.
- BELTRÁN LLORIS, M. (1970) – *Las ánforas romanas de España*. Zaragoza (*Monografías Arqueológicas*, VIII).
- BELTRÁN LLORIS, M. (1990) – *Guía de la Cerámica Romana*. Zaragoza: Pórtico.
- BERNARDES, J. P.; MORAIS, R.; PINTO, I. V. e DIAS, R. (2013) – “A Olaria Baixo-Imperial do Martinhal, Sagres (Portugal)”. In BERNAL, D.; JUAN, L. C.; BUSTAMANTE, M.; DÍAZ, J. J. e SÁEZ, A. M. (eds.). *Hornos, Talleres y Focos de Producción Alfarera en Hispania*. Cádiz: SECAH. Tomo I, pp. 317-329 (*Monografías Ex Officina Hispana*, 1).
- DIOGO, A. M. D. (1987) – “Quadro Tipológico das Ânforas de Fabrico Lusitano”. *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Série IV. 5: 179-191.
- FABIÃO, C. e ARRUDA, A. M. (1990) – “Ânforas de S. João da Venda (Faro)”. In ALARCÃO, A. e MAYET, F. (eds.). *As Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio (actas da mesa-redonda de Conímbriga, 1988)*. Coimbra / Paris: Museu Monográfico de Conímbriga / Diff. E. De Boccard, pp. 215-224.
- FABIÃO, C.; FILIPE, I. e BRAZUNA, S. (2010) – “Produção de Ânforas Romanas em Lagos: os dados resultantes das intervenções de contrato realizadas no âmbito do Projecto URBCOM”. *Xelb. Silves*. 10: 323-336.
- FILIPE, I. e BRAZUNA, S. (2008a) – *Relatório de Trabalhos URBCOM - Projecto de Requalificação Urbana da Rua 25 de Abril e Rua Silva Lopes. Sondagens de diagnóstico*. Lisboa: Era-Arqueologia S.A.
- FILIPE, I. e BRAZUNA, S. (2008b) – *Relatório de Trabalhos URBCOM - Requalificação Urbana da Rua 25 de Abril e Rua Silva Lopes. Escavação das caixas de visita e acompanhamento arqueológico*. Lisboa: Era-Arqueologia S.A.
- FILIPE, I.; BRAZUNA, S. e FABIÃO, C. (2010) – “Ocupação Romana da Área Urbana de Lagos: novos dados resultantes do Projecto URBCOM”. *Xelb. Silves*. 10: 305-321.
- GARCÍA VARGAS, E. (2007) – “*Hispalis* como centro de consumo desde época tardorrepublicana a la Antigüedad Tardía. El testimonio de las ánforas”. *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdoba. 18: 317-360.

- KEAY, S. (1984) – *Late Roman amphorae in the western Mediterranean. A typology and economic study: the Catalan evidence*. Oxford. 2 vols. (BAR International Series, 196).
- LIU, B. (1982) – “Archéologie sous-marine”. *Gallia*. 40: 437-444.
- MÁRQUEZ VILLORA, J. C. (1999) – *El Comercio Romano en el Portus Illicitanus. El Abastecimiento Exterior de Productos Alimentarios (Siglos I a.C.–V. d.C.)*. Alicante: Publicaciones de la Universidad de Alicante.
- MASCARENHAS, J. F. (1974) – *Fornos de Cerâmica e Outros Vestígios Romanos no Algarve*. Lourenço Marques: ed. de autor.
- MAYET, F. e SILVA, C. T. (1998) – *L'Atelier d'Amphores de Pinheiro (Portugal)*. Paris: Diff. E. de Boccard.
- NOTÍCIAS (1970) – *O Arqueólogo Português*. Lisboa. Terceira série. 4: 305.
- PARKER, A. (1977) – “Lusitanian amphoras”. In VV.AA. *Méthodes classiques et méthodes formelles dans l'étude des amphores (Colloque, Rome, 1974)*. Roma: École Française de Rome, pp. 35-46.
- PINTO, I. V. e MAGALHÃES, A. P. (2016) – “Almagro 51A-B (Lusitania Occidental)”. In *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-51a-b-western-lusitania>), 08 julho, 2016; consulta 2017-05-25.
- RAMOS, A. C. (2008) – “Novos Dados sobre a Ocupação Antiga do Centro Histórico de Lagos. A intervenção na Rua 25 de Abril, n.º 53-55”. *Xelb. Silves*. 8: 87-98.
- RAMOS, A. C. e ALMEIDA, R. (2005) – “O Complexo Industrial Conserveiro de Época Romana da Rua Silva Lopes. Principais resultados de uma intervenção de emergência no Centro Histórico de Lagos”. *Xelb. Silves*. 5: 101-118.
- RAMOS, A. C.; ALMEIDA, R. R. e LAÇO, T. (2006) – “O Complexo Industrial da Rua Silva Lopes (Lagos). Uma primeira leitura e análise das suas principais problemáticas no quadro da indústria conserveira da Lusitania meridional”. *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 13: 83-100 (Actas do Simpósio Internacional *Produção e Comércio de Preparados Piscícolas Durante a Proto-história e a Época Romana no Ocidente da Península Ibérica. Homagem a Françoise Mayet*).
- RAMOS, A. C.; FERREIRA, N. M. e NUNES, J. (2010) – “Martinhal: o centro oleiro que também produziu preparados piscícolas”. *Xelb. Silves*. 10: 351-371.
- RAMOS, A. C.; LAÇO, T.; ALMEIDA, R. e VIEGAS, C. (2007) – “Les Céramiques communes du VIe s. du complexe industriel de salaisons de poisson de Lagos (Portugal)”. In BONIFAY, M. e TRÉGLIA, J-C (dir.). *LRCW 2. Late Roman Coarse Wares, Cooking Wares and Amphorae in the Mediterranean: Archaeology and Archaeometry*. Oxford, pp. 85-97 [BAR International Series, 1662 (1)].
- REMOLÀ VALVERDÚ, J. A. (2000) – *Las ánforas tardo-antiguas en Tarraco (Hispania Tarraconensis)*. Barcelona (*Col·lecció Instrumenta*, 7).
- ROSSELLÓ MESQUIDA, M. e COTINO VILLA, F. (2005) – “Panorama cerámico de los siglos V-VI d.C. en Cullera (Ribera Baixa, València)”. *SAGVNTVM (P.L.A.V.)*. 37: 139-152.
- SANTOS, M^a. L. E. V. A. (1971) – *Arqueologia Romana do Algarve (Subsídios)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses. Vol. 1.
- SERRA, M. e DIOGO, M. (2008) – “POLIS de Lagos: resultados preliminares”. *Xelb. Silves*. 8: 215-222.
- SILVA, C. T.; COELHO-SOARES, A. e CORREIA, V. H. (1990) – “Produção de Ânforas Romanas no Martinhal (Sagres)”. In ALARCÃO, A. e MAYET, F. (eds.). *As Ânforas Lusitanas. Tipologia, produção, comércio (actas da mesa-redonda de Conímbriga, 1988)*. Coimbra / Paris: Museu Monográfico de Conímbriga / Diff. E. De Boccard, pp. 225-246.
- VEIGA, S. P. E. da (1910) – “Antiguidades Monumentaes do Algarve. Capítulo V, Tempos históricos”. *O Archeólogo Português*. Lisboa. 15: 209-233.
- VIEGAS, C. (2016) – “Almagro 51C (Lusitania Meridional)”. In *Amphorae ex Hispania. Paisajes de producción y de consumo* (<http://amphorae.icac.cat/amphora/almagro-51c-meridional-lusitania>), 08 julho, 2016; consulta 2017-05-25.

Olaria Romana: seminário internacional e ateliê de Arqueologia experimental
Roman Pottery Works: international seminar and experimental archaeological workshop

Carlos Fabião, Jorge Raposo, Amílcar Guerra e Francisco Silva (coords.)

2017

